

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO COM LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Juliana Casini Pinto Martynyszyn¹
Leilane Antunes de Souza Granato²

Para Antonio Cândido, em sua obra *Vários escritos* (2011), literatura é uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito, pois é fator indispensável de humanização, geradora do equilíbrio social. As narrativas fornecem a possibilidade de viver dialeticamente os problemas; elas não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam.

O autor classifica como literatura todas as manifestações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde folclore, lenda, chiste até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações. Portanto, por ser universal, não há homem que possa viver sem ter contato com alguma espécie de fabulação.

Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, sendo assim ela se torna indispensável para o ambiente escolar.

Os textos em sala de aula são instrumento de aprendizagem e podem servir de apoio para o acesso aos conhecimentos de diferentes áreas e para ampliação de vocabulário. Eles se manifestam em diferentes gêneros e diferentes suportes, desde revistas, jornais, catálogos, passando por reportagens, artigos, livros até as obras literárias.

Pensar em obra literária, no contexto escolar, é ter contato com leitura, escrita e oralidade. É desenvolver no aluno o senso crítico, estético e criativo, por essa razão ela deve ser olhada na sua singularidade, dado seu valor na sociedade, por ser ela uma expressão de arte.

Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2011). Conceder esse direito ao aluno é papel da sociedade e dever da escola. A escola deve estar preparada e consciente sobre os objetivos do trabalho com literatura, pois ela é um instrumento poderoso de instrução e

educação, tem papel formador da personalidade, manifesta emoções e visão de mundo dos indivíduos e dos grupos, é, ainda, uma forma de conhecimento.

A criação de um ambiente favorável à leitura literária irá aos poucos construindo na mente infantil a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. Não se trata apenas de vocabulário, mas de estruturas poéticas e narrativas (COSTA, 2007, p. 46). A criança aprende a temporalidade dos contos, identifica e se reconhece como herói, enriquece suas experiências infantis, desenvolve diversas formas de linguagem, distingue características dos personagens, reconhece imagens de movimento e começa a comparar as ilustrações.

Viabilizar um espaço para esse momento é questão de planejamento, pois pode ser utilizada a biblioteca, o jardim da escola e a própria sala de aula porque não se trata de recursos físicos, mas de espaços que favoreçam a leitura.

A biblioteca, como um dos espaços, deve ter um bom acervo de livros, disposto de forma que facilite a visualização pelo leitor, podendo inclusive dispor de almofadas, com um ambiente bem iluminado fazendo com que os alunos se sintam pertencentes àquele espaço.

O trabalho com a literatura deve contar com um professor apto a escolha de obras apropriadas ao leitor infantil, ao emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura, suscitando a compreensão das obras e a verbalização, pelos alunos, do sentido apreendido. (COSTA, 2007)

Para trabalhar com literatura é importante reconhecer as fases do leitor. Identificar a fase do leitor até que ele se torne autônomo, é se preocupar com a singularidade do sujeito, reconhecendo-o como ser de direito. Segundo Costa (2007), ao longo da educação infantil e ensino fundamental, a criança passa por três fases:

1ª fase: na educação infantil, dos 2 aos 6 anos, os interesses voltam-se para histórias curtas e rimas em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem a descoberta do sentido muito mais através da linguagem visual do que da verbal.

2ª fase: ciclo I (1º e 2º anos), dos 5 aos 9 anos, período correspondente ao da alfabetização, em que a criança começa a decifrar o código escrito e faz leitura silábica e de palavras. É a idade do conto de fadas, pois de posse de uma

mentalidade mágica, o leitor vai buscar nos contos de fadas, lendas, mitos e fábulas a simbologia necessária à elaboração de suas vivências, através da fantasia. A criança recém alfabetizada quer ler muito.

3ª fase: ciclo II, (do 3º ao 5º ano), dos 9 aos 12 anos, o aluno evolui da simples compreensão imediata à interpretação das idéias do texto, adquirindo fluência no ato de ler. Através da fantasia, ele vai compreender melhor a realidade que o cerca e o seu lugar no mundo.

Na idade pré-escolar e nos primeiros anos da escola, contar e ler histórias é importantíssimo para o desenvolvimento do vocabulário, cognição, temporalidade, senso crítico, intelecto , além de possibilita conversar sobre vários assuntos com certo grau de entendimento. O contato com a literatura promove a educação da fala e a experiência estética com a obra de arte literária.

Importantíssimo, que o professor seja um leitor, para que possa ser um bom mediador de leitura.

Transferir a leitura pessoal para uma prática docente de formação de leitores é uma passagem suave e prazerosa da ação leitora. Se não existirem esses momentos anteriores de leitura a tarefa do professor se torna um fardo, acumula dificuldades, assusta e desestimula. Um docente que não lê, será um executor, jamais um criador. (COSTA, 2007, p.113)

O professor devidamente preparado deve conciliar os contos clássicos com os contemporâneos, no seu planejamento de aula. Atentar-se aos diferentes gêneros literários quanto a sua forma e composição é crucial para o bom desenvolvimento da leitura. Cada gênero textual requer um trabalho minucioso sobre como trabalhar com ele, pois cada um se configura com aspectos específicos.

A importância das narrativas orais na formação de leitores nos anos iniciais é vital para promover a alfabetização e o letramento pela audição. É necessário que o texto narrado faça eco no íntimo do ouvinte, despertando nele o interesse em ouvir atentamente para depois reproduzi-lo. O momento de contação de história é um momento mágico, pois a imaginação é a característica mais rica que pode ser vivida nesse contexto.

Utilizar diferentes linguagens é uma expressão de arte, e isto também está presente na literatura quando se referencia a tradições indígena e africana. Viabilizar esse contato entre o aluno e essas culturas é respeitar a diversidade étnica, é proporcionar educação para uma sociedade democrática, multicultural e pluriétnica.

Atualmente, temos alguns escritores índios produzindo literatura infantil, que retrata as culturas desses povos.

Já a literatura africana conta com diversos autores, sendo inclusive alguns escritos em português, textos da tradição popular e autoral, direcionados para o público infantil. Possui vocabulário próprio, o que enriquece e amplia conhecimento linguístico dos leitores.

Daniel Pennac, em seu livro *Como um romance* (1993), apresenta 10 direitos imprescritíveis do leitor, dentre eles aponta o 'direito de ler não importa o que', pode-se ler de tudo, não necessariamente literatura, com isso algumas sugestões são possíveis, como por exemplo, a leitura de gibis, revistas, jornais com assuntos específicos para o público infantil. Outro direito é 'saltar de livro em livro', portanto não se tem a obrigatoriedade da leitura do livro com o qual não se identificou, o leitor pode apenas olhar e sentir-se à vontade em buscar outra obra. Estes são apenas alguns aspectos que a escola e familiares precisam considerar para formação de crianças leitoras.

O trabalho com narrativas (contos, lendas, mitos) requer planejamento, criatividade e efetividade para poder explorá-las considerando a sua riqueza. Rildo Cosson em seu livro "Letramento Literário" (2006) enfatiza o caráter da atividade prática associada à literatura, isso requer a ação e movimentação dos alunos, sendo uma estratégia para desenvolver a competência de ler na escola. O autor comenta que as atividades com oficinas são possibilidades que só adquirem força educacional quando inseridas em um objetivo claro sobre o que ensinar e por que ensinar desta ou daquela maneira. Caberá ao professor adequar a sua realidade para que essa ação desperte no aluno o desejo de buscar mais conhecimento.

Disponibilizar caixas com textos literários, em sala de aula, trabalhar com oficinas tendo a literatura como base, criar o passaporte do leitor, trazendo o conceito de que cada livro é uma viagem na qual o aluno descreve as leituras que fez, trazer a magia da narrativa literária para as diversas disciplinas são estratégias valiosas para criança ir se inserindo no mundo da literatura. O importante é que, de algum modo, a arte literária chegue até as crianças para ajudá-las a pensar e quanto menos pessoal e mágico for o veículo dessa narrativa, tanto melhores serão seus efeitos.

A criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida. A relação da infância com histórias fantásticas é antiga e sólida, o que nos leva a convicção de que essa ficção é preciosa para as mentes jovens. (CORSO, 2006, p. 29).

O elemento fantástico presente nas narrativas cumpre a função de garantir que se trata de outra dimensão. Assim se fazendo, os argumentos da razão e da coerência já são barrados na porta, bastando pronunciar palavras mágicas 'era uma vez' como uma senha de entrada.

Referências

- CÂNDIDO, Antonio. **Direito à literatura**. (ensaio). Em: *Vários Escritos*, 5ª edição, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- COSTA, Marta M. **Metodologia do Ensino da Literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- CORSO, Mário; CORSO Diana. **Fadas no divã**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Referência de apoio para o professor:

Sites:

<http://dominiopublico.gov.br>

<http://futuro.usp.br/bibvirt>

<http://mathema.com.br>

<http://jornaldepoesia.jor.br>

Revistas:

<http://chc.cienciahoje.uol.com.br>

<http://recreio.uol.com.br/>

Livros / textos:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BUSATTO, Cléo. **Práticas de oralidade na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2010

CHANOSKI-GUSSO, Angela Mari; FINAU, Rossana: **Rumo a novos letramentos: letramento e alfabetização. 1º ano - Manual do Professor**. Curitiba (PR): Base editorial, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006

PENNAC, Daniel. Tradução de WERNECK, Leny. **Como um romance**. Rocco: Rio de Janeiro, 1993.

Livros de apoio para o trabalho com as literaturas indígena e africana

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNDURUKU, D. **Coisas de índio**. Versão Infantil. São Paulo: Callis, 2010.

MUNDURUKU, D. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, M.J. **Literatura afro-brasileira infanto-juvenil**: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. São Paulo: ABRALIC, 2008.

THIÉL, J. C. **Pele silenciosa, pele sonora**: a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.